

Texto-convite ao livro infantil

Daniela Bunn



Arcimboldo, *O verão* (1573)



O cozinheiro (1570)



O Hortelão (1590)

Fonte das telas: Kriegeskorte (2005)



Carl Warner, *Cheesy Tuscan Villa* (2007)



Carl Warner, *Bread Mountain* (2007)

Fonte das telas: Warner (2007)

Não. Não fortuitamente foram escolhidas as telas de Arcimboldo e as fotografias de Carl Warner para compor o início do meu trabalho de Doutoradoⁱ que deslizou pelos caminhos da literatura e, estranhando, passou por veredas da teoria literária, da sociologia do alimento, da educação, do ensino de literatura, da filosofia, da nutrição. Este texto-convite, fragmento do prólogo e de uma parte do trabalho, solicita, ao modo dos prólogos das peças teatrais dos séculos XVII e XVIII, a indulgência dos espectadores e visa, ao mesmo tempo, criar uma certa familiaridade com duas importantes peças da pesquisa: a literatura infantil e o alimento.

Ao modo de Arcimboldo (1527–1593), os rostos apresentados são construídos, dentre outros componentes, com alimentos: cenouras, carnes, alfaces, cebolas, cerejas, amoras, nabos, alhos, azeitonas, pêssegos. Tais composições reportam-me a um sentido restrito de cultura, o de cultivar a terra, e, ao mesmo tempo, a um sentido de identidade e individualidade expressas em cada rosto. Não somente pelo tema alimentar essas telas chamam a atenção, mas porque geram estranhamento – inquietam o espectador e solicitam um olhar híbrido, aquele que percebe o todo (o rosto), as partes (os alimentos) e as possibilidades do além (como as reversíveis telas *O cozinheiro* e *O hortelão*, ao serem viradas de ponta-cabeça). Muitos dos livros dedicados à criança de hoje requerem algo desse modo de olhar, pois texto e ilustração se coadunam no mesmo espaço e requerem a desautomatização do olhar. Para isso, o leitor-expectador é convidado a acompanhar com olhar atento o lugar dos códigos.

Poderia ter requisitado, ainda, o olhar mais realista de Rembrandt, de *O boi esquartejado*, naturezas mortas, ceias religiosas largamente retratadas, como a de Da Vinci, mas preferi as *foodscape* (junção das palavras *food* e *landscape*) de Carl Warner (1963-), fotografias que atualizam a proposta de Arcimboldo. Ao utilizar ingredientes básicos da cozinha universal, Warner recria cenas e paisagens fantásticas com alimentos, como em *Cheesy Tuscan Villa* (na qual a Toscana é representada por árvores de salsa, pinheiros de pimentão e um castelo de queijo), em *Bread Mountain* (uma montanha de pão), em *Salmon Seas* (um mar de salmão, com terra de pão e rochas de batata) e outras fotografias que mostram balões de raviólis, trens de chocolate e montanhas de sorvete que bem lembram as imagens de muitos livros infantis, em terras imaginárias nas quais tudo é alimento.

Em Arcimboldo e Warner, é a *estranheza* que dialoga com os trabalhos. Com essa prerrogativa, a do estranhamento, podemos visualizar textos literários e ilustrações que se engendram e passam a se ressignificar de forma diferenciada na relação todo-parte, assim como os alimentos ao compor os rostos e as paisagens.

Este texto-convite incita o leitor a (re)pensar a literatura infantil e vê-la com um olhar mais desafiador e híbrido. A qualidade do texto literário voltado para a infância é posta à mesa do leitor adulto desafiando-o a rever os sabores de sua

infância, bem como a degustar os novos textos e as novas ilustrações. Poderá o leitor adulto se surpreender com a qualidade dos livros e com os rumos das novas histórias.

Com um olhar diferenciado, a experiência literária pode ser intensificada duplamente: pelo texto e pela imagem. Para dar conta dessa afirmação baseio-me no conceito de *ilustração como texto* do escritor, crítico e ilustrador Luis Camargo (2003) que, por sua vez, toma como modelo de análise as onze funções da linguagem de Roman Jakobson. No artigo “Para que serve um livro com ilustrações?”, Camargo evoca a frase de Alice, de Lewis Carroll, trocando a preposição *sem* por *com* e, enquanto a menina interroga a irmã sobre a utilidade de um livro *sem* figuras, Camargo interroga-nos sobre a utilidade de um livro *com* figuras. Temos, nesse título, algo que nos leva a questionar o lugar e a função que a ilustração desempenha no livro infantil (que por muito tempo, foi a de um lugar menor).

Camargo usa como pressuposto para sua noção de imagem como texto, os estudos de Favero & Koch sobre o texto *amplo* (poema, música, pintura, filme, escultura – sistema de comunicação) e *restrito* (uma passagem – falada ou escrita – que forma um todo significativo, independentemente da extensão). Ao pensar na ilustração, Camargo precisou minimizar algumas funções de Jakobson, chegando a onze, sendo elas: representativa (quando imita a aparência do objeto); descritiva (quando detalha o objeto); narrativa (quando marca uma passagem de tempo); simbólica (quando propõe uma metáfora, por exemplo: animal/time de futebol); expressiva (quando ressalta sentimentos e valores); estética (quando repensa a forma, pode ser sintático - linha, forma, cor, luz) e semântica (demonstrando figuras de linguagem); lúdica (jogo/humor); conativa (sugere/influencia/persuade ou é normativa, exemplo placas de trânsito); metalinguística (quando fala sobre a sua ou uma outra linguagem); fática (ênfase no suporte da imagem/texturas) e, ainda, a função de pontuar a história. Ufa, isso tudo sobre o que muitos julgam meras historinhas infantis ou ilustrações? Há o que se repensar, não há?

O texto literário infantil vale ser revisitado pelo adulto, revisto, pensado, analisado. Quem tiver interesse em conhecer um pouco sobre o mundo da literatura

infantil em sua relação com o alimento pode também procurar nas edições passadas da revista **dEsEnrEdoS** outros textos que escrevi sobre o assunto ou acessar o *link* da tese. De qualquer forma, fica aqui o convite à leitura, àquela passada na sessão infantil da livraria, àquela busca básica na *internet*; pensar em talvez atualizar a biblioteca do filho, do sobrinho, do afilhado; um presente diferente, um sentar junto para ler ou ouvir uma história, eternizar um momento no imaginário infantil e, lembrando Benjamin, um convite a rever aquela infância que nunca nos abandona, mas com aquele olhar diferenciado, um olhar que estranha, do qual falei no início deste texto-convite.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004.

CAMARGO, Luis. Pra que serve um livro com ilustrações? In: JACOBY, Sissa (Org.). **A Produção Cultural para a Criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

DAMATTA, Roberto Augusto. Você tem Cultura? **Suplemento Cultural do Jornal da Embratel**, Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: <<http://www.furb.br/2005/arquivos/788660-650601/voce%20tem%20cultura.pdf>>. Acesso em: 2006.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Daniela Bunn (Florianópolis/SC) - Doutora em Literatura pela UFSC, professora e tradutora de livros infantis, tem experiência na área de Letras e Pedagogia, com ênfase em Literatura e Ensino, Literatura e Infância e Metodologias de Ensino. Contato: danibunn@yahoo.com.br.

ⁱ Tese disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0435-T.pdf>, intitulada “A imagem alimentar e o advento do menor na literatura infantil: estranhamentos de Gianni Rodari” (2011), saída do forno.